

Fernando Gasparini

Obrigadíssimo pela presença de vocês. Estamos chegando a última semana do nosso “Encontro com Compositor Carioca” agradecendo imensamente a presença de todos vocês. Nesse momento a gente vai estar conversando aqui com o nosso grande João Cavalcanti e o seu parceiro de primeira hora Marcelo Caldi. Eu acho que a gente começar perguntando desse show, que é o show novo e vocês já fizeram uma ou duas vezes talvez?

João Cavalcanti

Fizemos duas vezes.

Fernando

Está com cara de estreia?

João

Está com cara de estreia, até porque é a primeira vez que a gente faz com piano, os outros foram com teclado.

Bom, eu sou o João Cavalcanti, como o Fernando falou faço parte do Casuarina, que é um grupo que já tem seis discos lançados, entre os quais dois praticamente autorais e há algum tempo que eu tenho a convicção que a coisa que mais dá prazer, que mais me completa dentro desse ofício que a gente tem em relação a música é compor. É compor, ver os outros gravando, ver outros intérpretes também gravando é uma satisfação enorme e eu mesmo gravando as minhas músicas. O Casuarina, como vocês sabem, é um grupo de samba e eu na minha formação musical, na minha bagagem, eu ouvi de tudo.

Eu ouvi muita música de qualquer gênero. Muito rock, muita música nordestina, depois da adolescência tive um momento de piração completa, talvez até com a influência do Marcelo, pela música argentina, cisplatina, aquela linguagem toda dali eu me aprofundi um pouco, mas eu nunca mergulhei. Enfim, tudo isso faz parte de uma certa bagagem de composição.

No Casuarina, naturalmente, eu não podia dar vazão a tudo e eu lancei em 2012 um disco solo que é o “Placebo”, que o Marcelinho foi completamente cúmplice desse disco e fez muitos arranjos, tem uma parceria nossa, fez depois a direção musical, depois a transposição do disco para o show, tocou piano no disco. Eu acho que foi a pessoa que mais, junto com Plínio que foi o produtor do disco, foi a pessoa mais presente, porque nossa primeira banda, que tivemos juntos, o Marcelo não tocava acordeom, para vocês terem uma ideia, o cara hoje em dia é um monstro do instrumento e nessa época, ainda, ele não tocava acordeom.

Então, a gente se conhece a, sei lá, quase 20 anos. Naturalmente, quando eu lancei o Placebo, em 2012, eu fico sempre refém, um pouco, do Casuarina também, da janela de oportunidades para gravar, para fazer as coisas. Eu estava começando a planejar um segundo disco, que está em fase de produção, justamente para dar voz a essas músicas que o Casuarina não grava, porque não são samba, na maioria delas, quando eu recebi um convite para fazer o show lá no Beco das Garrafas, que é um lugar pequeno demais para comportar o Placebo, porque o palco é muito pequeno e o Placebo tinha bateria, baixo acústico, teclado era uma estrutura de show maior e foi como se fosse uma revelação nesse momento, porque eu falei:

- Olha, eu estou apostando nessa coisa de compor a um tempo e tenho algumas músicas gravadas.

Eu não sou tremendamente gravado, mas tenho algumas músicas gravadas por outros intérpretes e muito diferentes entre si, como: Roberta Sá, Tiê, Aline Calixto, então eu tenho algumas relações pontuais, que as vezes as pessoas nem sabem que as músicas são minhas. Eu quis trazer isso para casa. Na verdade, foi esse o propósito. Não tem uma maneira melhor de eu trazer isso para casa, que eu cantar acompanhado do Marcelo, que é um parceiro de três das músicas do repertório, é um dos meus parceiros mais constantes e queridos, além de ser um dos maiores músicos da minha geração, senão, o maior. Então, eu falei:

- Cara, é um presente que eu posso me dar.

Até eu fui egoísta pra cacete. Eu quero fazer isso para mim. Minhas músicas estão aí perdidas no mundo, vestidas ao caráter dos outros, então eu quero vesti-las ao meu caráter. Eu trouxe essas músicas, fiz o repertório que é basicamente composto por músicas que eu não cantei, não havia cantando ainda, com algumas exceções e chegamos aqui nesse momento.

Fernando

Você vestiu de uma forma bem desnuda.

João

Totalmente. Trajes sumários.

Fernando

Porque é piano, acordeom e voz. Como é que é isso?

João

A gente se acostumou nessa pós-modernidade insana a estar muito atento as formas. Tudo é forma, tudo é comércio, tudo é venda, tudo é imagem e o ofício de compor é a arte do mínimo. Você cada vez mais tenta chegar na excelência do daquilo que é letra e que combina com a melodia.

A rigor, compor é um negócio muito difícil talvez por conta disso. Você não tem escapismos. Você não tem desvios de atenção quando você compõe e quando você grava é possível, por exemplo, pegar aquela parte ruim do verso e afundar ela em um ataque de quarteto de cordas e pronto. A parte não está mais ruim. Aquela parte da melodia que é nota de passagem e está chocando com a harmonia, você pode na mixagem abafar e ela já não está mais ruim.

Era justamente o que eu queria: jogar, passar o marca texto na canção e por o mais cru possível. Já não é tão cru porque o Marcelo é um músico com um milhão de linguagens, possibilidades e agrega muita coisa de linguagem as canções, mas a gente quis fazer o mais cru possível, a gente meio que formatou juntos os shows. Eu vim com a ideia, mas fiquei meio inseguro em um primeiro momento.

Fernando

Então rolou esse momento?

João

Rolo totalmente. Quem ignora as inseguranças, na verdade está precisando de um terapeuta. Eu estava muito inseguro, porque no Casuarina eu estou cercado de outros oito músicos e eu mesmo estou tocando percussão. Então tem muito muleta para mim, tem muito espaço para eu errar no Casuarina.

Fernando

Aqui nem tanto.

João

Aqui não tem espaço nenhum. Você erra todo mundo percebe. Eu posso errar. As músicas são minhas, eu estou cantando e o Marcelo é o meu parceiro e não vai me julgar, mas o público vai saber. Se eu errar no Casuarina, eu posso dar um sorriso e ninguém vai nem ouvir, aqui não tem jeito. Eu quis isso. Isso é uma espécie de teste, de desafio. Eu sou movido muito por isso, pelo constante frio na barriga, tem que ter um combustível para ser delicioso e musicalmente está sendo delicioso.

Fernando

O seu primeiro disco solo “Placebo” já é uma exposição para você que vem de uma carreira dentro do Casuarina, que tem uma identidade muito clara para o público: é samba, mas quando você vem com o Placebo, as pessoas não sabiam muito o que esperar ou com o que se identificar. Lendo algumas críticas muita gente classificou o seu disco como “pop contemporâneo”. Eu queria que você falasse um pouco dessa exposição, um pouco desse disco e se de fato você sentiu também esse desejo de exposição, desafio e tudo mais.

João

Se as pessoas não sabiam o que esperar, o que dirá eu. Quando eu comecei a gravar o disco, eu não tinha a mais vaga ideia do que seria o disco, eu chamei o Plínio Profeta, que é um cara estritamente distante de mim, de nós até, no que tange o uso do recurso da música. Ele é um cara muito mais ligado ao ambiente eletrônico, aos samples, ao loopings, ao estudo.

Tem um disco do Lucas Santtana que é um cantor baiano, mas radicado no Rio há bastante tempo e que agora está fazendo um estrondinho fora do Brasil. Ele tem um trabalho superdenso de composição, eu gosto muito do Lucas e tem o segundo disco dele “Parada de Lucas”, que eu produzi pelo Plínio. Eu pirei nesse disco. Ele é completamente distante de mim até na abordagem, mas é um disco que eu achei muito bom e ainda eu tive uma oportunidade bacana de me aproximar do Plínio e chamei o Plínio para me produzir.

O Plínio gostou muito das músicas, tanto que me fez sócio do estúdio durante o processo de gravação, porque eu não tinha um putô, com o perdão da expressão, e contínuo não tendo. Eu falei para o Plínio que precisava gravar e ele me disse que se permitia de tempos em tempos escolher um cara para ser sócio do disco, para fazer junto, claro que é dentro da janela que tiver dos trabalhos pagos, mas a gente vai gravando. Eu não tinha presa nenhuma, eu queria é claro ver negócio pronto, mas estava ali e gravamos. Demorou quase dois anos o processo.

Fernando

O Marcelo foi testemunha ocular desse processo todo.

Marcelo Caldi

É. Participando, tocando, gravando lá no estúdio, fazendo arranjos. Foi um processo longo, até porque como é o primeiro trabalho de uma pessoa que já está inserida no mercado musical, mas ele queria fazer uma coisa diferente. O João tem essa coisa, essa verve de querer chocar um pouco também. Então, até ele entender esse conceito do disco era uma coisa que demora.

João

Entender, eu não sei se entendi

Marcelo

Eu acho que definir, fechar um conceito do disco, independente de entender ou não, mas até lançar a gente tem um árduo processo que é muito difícil, mas também é prazeroso no final.

João

E a verdade é que são pouquíssimos os álbuns hoje em dia, ainda mais no tempo da deterioração do áudio, das músicas plágios, singles, é difícil você ver um álbum que parta de um conceito e desague em um respaldo musical que seja maravilhoso. Normalmente, é ao contrário é um apanhado de canções em que você amarra um conceito, se amarrar, no final.

Eu, por exemplo, acho que o Placebo, o que amarra o Placebo é que são músicas minhas com a minha voz, porque de fato, a rigor, se você ouvir “Demônios” que é a música que abre o disco e é uma parceria nossa (com Marcelo Caldi), tem uma espécie de tango metido a moderno, desculpe Estela (referência para alguém da plateia), e se você ouvir “Síndrome” que é um rock com drive e depois se você ouvir “Inemurhecível” que é uma espécie de funk carioca, perdão, com Davi Moraes tocando a guitarra, você não consegue pensar que são do mesmo disco as três músicas.

Na ordem o disco tem uma, mais ou menos, mas eu queria que o disco fosse heterogêneo, eu queria que ele tivesse a minha cara e a minha cara é isso. Eu não posso querer um resultado homogêneo, se eu mesmo sou um artista e compositor completamente heterogêneo. Eu acho que foi meio por aí. O resultado do Placebo é isso. Quem ouve fica um pouco assustado, no primeiro momento, eu confesso, mas eu acho que tem muita verdade impregnada, é bastante auto referente, embora não apenas, e tem uma multiplicidade de gêneros e coisas que você pode gostar das músicas mais acústicas, tem para tudo.

Fernando

E a pergunta que a gente sempre faz aqui todos os compositores, temos aqui pessoas que participaram de todas as oficinas, e o que a gente sempre pergunta é: qual foi o momento da sua vida que você se deu conta que, assim caramba eu tenho que ser compositor, não vai ter jeito, eu não tenho escapatória, vou me ingressar na música? Teve algum estalo, alguma coisa, algum evento específico ou você nunca nem pensou nisso?

João

Eu estou esperando esse estalo até agora. Eu sou formado em jornalismo. Eu sou jornalista de formação. Não serviu de nada a faculdade. Teve três ou quatro professores, por outras razões que não exatamente a cátedra que mudaram a minha vida. Silvio Tendler que foi o meu orientador de monografia, ele é uma cabeça pensante das mais importantes do Brasil.

Fernando

Você se formou aonde?

João

Na PUC. A Ana Arruda Callado que é uma excelente professora. O pouco que eu tenho de capacidade de síntese deve-se a ela, eu acredito né. O Ernesto Rodrigues que é um homem de televisão. Eu tive uns poucos professores excelentes, mas a faculdade fraca valeu muito. Mas eu estou falando disso justamente para te dizer que até hoje, quando eu faço check in, no hotel, e tem lá profissão, eu coloco jornalista é um misto de formalismo.

Bom, jornalista eu sei que eu sou pois eu tenho o diploma, muito embora não precisem mais e também eu sei que no hotel eles vão me tratar melhor. Se eu coloco músico, eles vão achar que eu sou vagabundo, que eu vou fazer aquela zuera toda, aquelas festinhas e se eu sou jornalista o cara não sabe se eu trabalho na Quatro Rodas. Então, eu coloco que sou jornalista e sou muito bem tratado, o cara me dá desconto no check out, mas isso responde muito.

Eu não tive epifania em momento nenhum, eu acho. Pelo contrário, em determinado momento, meu pai é músico e talvez foi um dos grandes desestímulos que eu tive, porque eu já tinha 13 ou 14 anos de vida quando ele lançou o primeiro disco que teve alguma repercussão e mesmo assim muito mais fora. Então, quer dizer: o disco teve repercussão e ele sumiu do Brasil. Além de tudo, a consequência da repercussão foi tenebrosa para nós. O disco foi “Olho de Peixe”.

Eu fiz muito coro juvenil, infanto juvenil quando era pequeno, antes de trocar de voz. Então Xuxa, Angélica, Sérgio Malandro, Balão Mágico, essas coisas, eu cantei mesmo.

Marcelo

E TV Colosso?

João

Eu já tinha trocado a voz. Mas eu cheguei a cantar com o Roberto Carlos, o ápice da minha carreira foi aos oito anos, em 1988, quando eu cantei no especial de fim de ano do rei, rei de quem? Do Roberto Carlos. Eu comprei o meu foto system.

Marcelo

Recebeu cachê com oito anos?

Fernando

Você viu que a carreira valia a pena.

João

Não. Pelo contrário, terminou esse período eu troquei de voz e parei de ser chamado para essas locuções e esses negócios, naturalmente e comecei a gostar muito mais de ler, escrever e de lidar com a palavra do que com a música. Teve um momento que a única certeza que eu tinha é de que eu não seria músico, pelo contrário, eu tive uma resistência assim íntima, enorme, que talvez tenha sido o grande aliado que eu tive para que eu me tornasse compositor. Porque eu tenho autocensura que inclusive é aviltante, isso me tolhia muito e ainda me tolhe de fazer determinadas coisas, mas eu tive essa certeza. Até os meus 17, 18 anos eu falei que não seria nem engenheiro, nem médico e nem advogado, mas músico também não.

Fernando

Nesse período da adolescência, você se voltou mais para a literatura.

João

Eu escrevia muito, escrevia contos, escrevia algumas coisas, me aventurava a escrever poesias.

Fernando

Qual era o universo de leitura? O que você curti?

João

Eu lia um pouco de tudo. Eu lia um pouco dos clássicos porque na época da escola ninguém está pronto para ler Machado.

Fernando

Literatura brasileira.

João

Literatura brasileira eu tive um desbunde do Saramago que é incrível, porque a forma é completamente diferente. Eu passei por um momento um pouco bitolado de literatura política também e mesmo, faleceu recentemente o Galeano (Eduardo Galeano era um escritor uruguaio que faleceu no dia 15 de abril de 2015), mesmo autores não necessariamente políticos, mas com um viés muito político como o próprio Galeano e o próprio Saramago.

Leitura ibero latina americana em geral porque eu tenho um pouco de medo das traduções. Eu sempre acho que as traduções, tem até um livro do Calvino que ele fala isso traições bem intencionais, são traduções que ele fez. Eu fiquei nessa. Eu lia bastante e já escrevi algumas coisas e até compunha intuitivamente umas melodias, como eu componho até hoje intuitivamente, porque eu de fato não domino a técnica de nenhum instrumento harmônico ou melódico.

Então as pessoas que eu faço, eu sei a harmonia que eu quero um pouco, mas eu faço a capela, eu faço o devaneio melódico e o engraçado é que as coisas dessa época se aproveitam as músicas, mas não se aproveitam os textos. Então, já era músico sem saber.

Fernando

Sem se assumir.

João

As melodias que eu fiz naquela época, nesse tempo, até os meus 19 anos, muitas se aproveitaram, agora, eu tive que jogar as letras fora e passar as melodias para os parceiros fazerem as letras, porque eu não conseguia fazer outra letra para a mesma música que eu já fiz letra e é ruim. Eu passava para parceiros fazerem letras, eu tenho algumas melodias assim, que vingaram, que me representam até hoje, mesmo tendo sido feitas a 17, 18 anos, mas os textos não, de jeito nenhum. São horríveis, são completamente juvenis.

Eu acho que isso é natural. Então na faculdade, no segundo período da faculdade, eu estou falando de 1999, aos 19 anos, havia um momento em que o Rio de Janeiro e o Sudeste como um todo estava muito voltado para a música nordestina. O que eu sempre digo, é uma tese minha e pode ser uma grande bobagem, mas eu acho que deve-se muito ao Chico Science e ao Nação Zumbi, lá em 1993, quando lançaram “Da lama ao Caos” que era um disco denso de conteúdo e impregnado de mensagem e tudo e ao mesmo tempo completamente universal e ao mesmo tempo cheio de acento regional.

Eu que tinha muito mais interesse por música estrangeira, até os meus 13 ou 14 anos, a partir dali rolou uma, até a onda do forró depois foi um pouco do desdobramento disso. Aquilo foi como se fosse a caixa de pandora da música nordestina, para nós aqui no Sudeste. Eu digo isso mesmo sendo filho de um músico nordestino. A minha influência maior que eu trago do meu pai é de Police, Led Zeppelin é as coisas que ele ouvia. Eu não ouvia Jackson do Pandeiro em casa, mas claro, quando eu falava pai, eu descobri o Jackson do Pandeiro, ele sabia um monte de música, cantava.

Fernando

Ele já tinha ouvido antes.

João

Naturalmente. Enfim, eu fiz uma banda de forró sem saber tocar nada, eu peguei uma zabumba emprestada do meu pai, eu usava umas velhas dele, sei lá do interior de Pernambuco e tentei afinar, na cara dura mesmo fizemos uma banda de forró. O Marcelo no início não era. O Marcelo é um pouco mais novo que eu. Acho que um aninho. Agora que eu tenho 34 anos não faz muita diferença, mas quando eu tinha 19 ainda fazia um pouco. Ele era “pré ilegal”, na época.

Fernando

Ele era o que?

João

“Pré ilegal”. Não chega a ser pedofilia, mas quase. Eu fiz uma banda com uns amigos que tinham uma proposta de tocar música nordestina, mas não tinha sanfona num primeiro momento, eram duas guitarras, violão, baixo elétrico, zabumba e triângulo. Tinha uma pegada roqueira histórica. Inclusive a formação de cordas, a não ser o Gabriel Pecciani que é filho do Claudio Jorge que fazia parte dessa banda com a gente,

grande Gabriel que alias está gravando um disco, um grande compositor da geração também, os outros dois eram bem roqueiros, o Pedro era completamente metaleiro e o Dentinho também. Então, fizemos a banda, o Marcelo ainda não, a banda começou a rolar, tocar e daqui há pouco a gente chamou o Marcelo tocando escaleta e clarineta.

Marcelo

Que vergonha!

João

Teu passado te condena. A gente fez bastante show, andamos bastante pelo Rio, tocamos legal.

Marcelo

Eu me lembro do dia em que falei para vocês que eu queria comprar uma sanfona.

João

Eu lembro bem dessa história.

Marcelo

Eu lembro que eu falei com muita vergonha, porque eles gostavam muito de forró com rock. Era uma coisa pesada.

João

Não tinha sanfona. Era quase um dogma: Não tem sanfona!

Fernando

Mas forró nordestino sem sanfona?

Marcelo

Era tudo certo e eu achando que iria dar tudo errado. Mas quando eu falei, eles me aceitaram. Eu fiquei tão feliz.

João

Foi ótimo. Foi lindo.

Marcelo

E ai começou essa história toda.

João

Desse grupo que começou como forró da gente e depois terminou sendo só da gente apenas, depois no segundo segmento, o segmento que o Marcelinho fez parte, o Gabriel, meu companheiro de Casuarina, ele fazia parte e nenhum de nós dois cantávamos.

Eu, Gabriel Pecciani e Gabrielzinho já cantávamos um pouco, mas no início a gente não cantava, fazia back vocal e eu não queria nada com aquilo. Eu achava uma oportunidade legal para fazer um showzinho, depois dançar com a menina ali. Eu não estava levando a menor fé naquilo.

Eu acho que como levava menos fé na faculdade, talvez, isso tenha me ajudado a virar músico no final as contas.

Fernando

A sua falta de fé foi determinante.

João

Certamente.

Fernando

Nesse meio tempo, era o momento em que o Falamansa, o Forró Paratodos estava no Brasil inteiro. Foi uma explosão chamado de “forró universitário”.

João

Horrível esse nome!

Fernando

Mas que contagiou, o público era um pouco universitário. Eu me lembro que eu fazia na época a Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, e só tinha forró. Era a única coisa que tinha de atração na universidade era esse forró universitário. Mas logo depois desse meu tempo já apareceu o Casuarina ou não?

João

Nessa época ai. Porque assim. Eu faço parte de uma galera que não se enquadrava nas boates.

Fernando

Não curte boate?

João

Não cara. Só como uma experiência antropológica, eventualmente. Mas o som me irrita profundamente e geral. Eu gosto de música pop estrangeira, a questão não é. Eu gosto, eu ouço, eu procuro saber, eu conheço os produtores, mas o bate estaca me irrita um pouco e o volume do bate estaca me irrita mais ainda e as pessoas se divertindo com o volume do bate estaca, alias, é mais irritante.

Como a gente não se enquadrava naquilo, eu acho que o forró foi um desafogo, se bem que em geral o som era meio alto, hoje em dia eu já acredito nisso, mas foi um desafogo para a gente. Nesse mesmo momento existia um grupo de pioneiros que era a Teresa Cristina, o Eduardo Gallotti, o Pedro Holanda, o Pedro Miranda, Rubem Jacobina, os Anjos da Lua como um todo e o Gallotti com o Luiz Felipe Lima, vinham alguns brothers dar canja, isso ainda lá no Sobrenatural. A Beth Carvalho, o Wilson Moreira vinha cantar. Isso eu estou falando em Santa Teresa ainda, eu não fui cantar.

Fernando

Isso ainda nos anos 1990?

João

Isso era nos anos 1990, eu devia ter 15 ou 16 anos, foi entre 1995 e 1996, eu não frequentava ainda e aí teve uma demanda de respeito aos vizinhos, eles desceram para a Lapa que era um lugar completamente morto, não tinha nada na Lapa. Tinha os arcos muito decadentes, bastante escurecidos pelo tempo, era um bairro escuro, era um bairro completamente desprovido de força pública. Não tinha nada, não que esteja muito melhor com a força pública agora.

Já em 1998, enquanto a gente tocava quando a gente tocava no Roda, eu comecei a frequentar aquele espaço e essas pessoas cantavam um tipo de samba anterior a bossa nova até, uns sambas das décadas de 1940, 1950, que era aquele tipo de coisa que estava subliminar, que estava no subconsciente de todo mundo, mas que eu, por exemplo, eu lembro que eu descobri “Laranja Madura”, como se tivesse descoberto a roda e minha tia de Teresópolis, que é mais velha que a minha mãe, falou assim

- Mas isso fez muito sucesso quando eu era pequena, quando eu era criança.

Eu não conhecia a música. Então foi uma oportunidade de eu entrar em contato com um tipo de samba, de música que é sem dúvida nenhuma a matriz fundamental do que se tornou a música brasileira contemporânea. Todos os artistas usam e abusam do samba e é bom que usem mesmo o samba. Eu não cumpro esse papel, esse papel não é meu, admiro quem tem, mas esse papel não pode ser nunca meu, assim de mantenedor das tradições do samba. Não. Eu quero que o samba seja usado e mantido reciprocamente se possível. Então, esse contato para mim foi importante.

Eu estava fazendo o Tepem na época, porque eu estava um pouco angustiado de não saber chongas de música formalmente. O Tepem é um curso preparatório para o vestibular de música da Unirio, mas eu não pretendia fazer o vestibular de música, naturalmente. Eu estava fazendo só para ter uma iniciação. Como eu já tinha uma banda e estava tocando e tal e começa a falar de arranjo, de forma, falar de coisas, de uma linguagem que quem está muito aquém da linguagem técnica do resto fica perdido um pouco. Eu só não queria ficar perdido. Meu interesse era basicamente não ficar perdido. Eu fiz o Tepem, eu era muito bom no Tepem na época, eu me saía super bem no ditado e a Silvia Sobreiro pode atestar, o Alexandre Claus foi também o meu professor, foi interino eu acho e durante o Tepem teve um sarau de final do curso. Só que aí estávamos todos frequentando, já nos conhecíamos de outras searas, o Gabrielzinho tocava no Roda com a gente, o Dandã (Daniel Montes – violão) foi o que veio por último, mas o João Fernando e o Rafa.

Não. Minto! O Rafa é quem tocava com o Gabriel em outra banda de forró. Já tinha tocado e já tinha acabado a banda e o João Fernando tocava no Forró da Contramão com o Moises Marte, que é fundador do Casuariana e aí nos juntamos para fazer aquela apresentação de final de período. Eu faltei. Acho que tinha jogo do Botafogo na mesma hora. Eu tenho quase certeza. Eu faltei pelo jogo do Botafogo. Sério. O show de estreia do Casuariana eu não fui. Não tinha esse nome e não tinha o Dandã ainda, então eu não considero como o show de estreia.

Nós começamos com isso e coincide com a internet dando asas para a gente procurar coisas que não foram gravadas em CD, muitos desses cancioneiros não têm CD e tinham uns malucos da época, esses que digitalizavam o vinil e botavam, que é um serviço, para mim, foi um serviço prestadíssimo porque eu tinha acesso a isso a partir da internet.

O Casuariana brotou dessa história. De sacanagem aqui, de sacanagem ali, o Marcelo pediu as contas no Roda que na realidade não tinha conta para pedir, mas foi engraçado porque a gente teve uma reunião no Lamas, eu estou falando da época que ainda podia fumar, ficava aquele ambiente horroroso e ficava aquela nevoa, e o Marcelo falou:

- Olha gente, achou que eu não vou mais segurar a onda.

Eu tomei um susto. Só que foi tipo um castelo de cartas. Puxou a base e assim que ele falou isso outros dois também falaram que queriam sair. A banda se desmantelou e o Casuarina já estava começando a rolar e começamos a fazer shows no Semente.

Eu estou falando que a Lapa era erma e escura do tipo que eu vi gente sendo morta na Lapa, a gente se escondeu debaixo da mesa. Era bem pesado. Ou você escolhia ir para o Semente ou você escolhia ir para o Empório 100, era tipo quando a região estava começando, você não podia andar de um para o outro porque você não chegava vivo provavelmente. Era bem tenebroso nessa época.

Fernando

Em 2013, vocês fizeram uma grande festa de lançamento dos dez anos do Casuarina, colocaram 50 mil pessoas ali, na Lapa, nesse momento você sentiu que iria dominar o mundo?

João

Não estou jogando War. Foi meio kármico esse DVD, eu te digo o porque, por que ele coincide com o último trabalho recall de mixagem do Placebo. A Michele (aponta para alguém da plateia) sabe dessa história. Foram os dez dias mais aterrorizantes da minha vida porque eu estava voltando do último recall de madrugada, que o Plínio chama de pós mix, que a gente mixou o disco todo e chamou o Álvaro Alencar, que é um excelente engenheiro de som, para fazer o pós mix, que é só passar pelos compressores analógicos e os outros equipamentos que ele tem lá no estúdio.

Eu estava voltando, ouvindo no carro super feliz e acendeu a luz de óleo do motor. Eu subindo no Paulo de Frontin para voltar para casa, eu já estava morando em Jacarepaguá nessa época, eu falei:

- Vou ter que descer o Paulo de Frontin pelo menos.

Então bateu o motor chegando no viaduto dos marinheiros, aquele que desagua na Praça da Bandeira, eu consegui chegar naquele posto que tinha ali e realmente o motor tinha batido e fiquei sem carro. Eu fui para casa de táxi, o carro foi guinchado e no dia seguinte minha filha acorda com pneumonia. Ela ficou internada onze dias no CTI. No quarto dia de internação da Luna, a Michele me liga e fala que a gente iria gravar um DVD em dez dias. Eu falei: como assim?

Michele (na plateia)

Eram 15 dias

João

Quinze não. Você está sendo misericordiosa agora, na época você não foi. Sendo que a gente vai gravar um DVD e esse DVD a gente planejava há tempo, tinha como projeto e a gente estava tentando um edital, porque é um DVD ambicioso no melhor dos

sentidos. Era em praça pública, de graça, debaixo dos arcos, com uma penca de convidados, mas não havia circunstância mais, eu ia falar escrota, mas não sei se pode falar escrota aqui, não existe coisa mais escrota que receber essa notícia. A gente não tinha convidado, não tinha repertório ainda, a gente não sabia nada do DVD e eu estava virando noite sentando em uma poltrona de CTI pediátrica, mas se você olha no DVD, eu estou com uma cara de cansado que vou te contar, mas foi lindo.

Não! Ainda tem a conclusão kármica. O DVD estava programado para ser gravado na véspera do dia do trabalhador, que se aproxima agora, eu prefiro dia do trabalhador do que o Dia do Trabalho, ou seja, véspera de feriado, um dia útil e véspera de feriado. As pessoas saíam do escritório e iam para lá, véspera de feriado, podiam curtir à vontade e não tinha hora para chegar em casa. Caiu o mundo nesse dia e a praça alagou loucamente e agente ficou no cancela ou não cancela.

Fernando

Rolou o momento cancela?

João

A gente cancelou. A prefeitura falou que não tinha condições, isso a gente passando o som para o show. Era uma segunda-feira véspera de feriado e foi na quarta-feira, primeiro dia da semana curta e eu lembro que teve um link ao vivo do RJTV, estava marcado para as 20h e o link foi as 19h15. A gente subia no palco para o link e a gente estava preocupado de subir no palco e ter gente para o link. Preocupação porque não tinha ninguém na praça. Não tinha viva alma na praça às 19h15 e o show era às 20h, eu falei: cacete como a gente vai fazer? Como faz? Cancela? Eu não quero fazer drama, mas porra foi dramático. Às 19h30 começou meia dúzia, às 19h40 virou 600 e 20h15 a parada explodiu. Porque as pessoas estavam no trabalho e cumprindo as obrigações que o feriado tinha feito que se acumulassem.

No final das contas foi lindo, a praça estava cheia, estava brilhante, todos os convidados puderam remarcar o que foi uma preocupação que a gente teve porque era assim: Teresa Cristina, Ana Costa, Áurea Martins, André Pressão, Délcio Carvalho, Eduardo Galotti, Marcos Sacramento, Moyses Marques, Nicolas Krassik, Nilze Carvalho, Pedro Miranda, Rodrigo Carvalho, Zé Paulo Becker, Zé da Velha e Silvério Pontes. Eram muitos convidados e todos puderam remarcar. Eu vejo o DVD e respiro aliviado, mas na época foi tenebroso mesmo.

Fernando

E foi premiado o DVD, ganhou o DVD de ouro. Não foi isso?

João

O DVD de ouro foi o anterior. Foi o MTV Apresenta que a gente vendeu 25 mil DVDs, mas foi ao longo de cinco anos, o que prova que o mercado se reacomoda de alguma forma. O mercado da música nunca teve tão fervente assim, o mercado da música está abrindo. O Marcelo faz arranjo para um monte de gente, toca com um monte de gente, viaja tocando, tem um monte de trabalho, tem um leque de opções de trabalho.

Eu admito que sou um privilegiado em relação a minha geração, porque o Casuarina tem uma história legal, a gente tem uma agenda de shows constantes, a

gente foi tocar na Malásia. Vai saber quando você vai tocar na Malásia. A gente acabou de voltar da Malásia, para mim agora são 7h da manhã. Então, assim, o mercado toma um caminho diferente, quando a venda de discos começa a cair, ele toma um caminho diferente. A gente sempre apostou, a gente quando eu digo é Casuarina e eu também, que fazer uma arte de muita qualidade, em um formato mais artesanal, mais bonito e não aquele que quebra igual aquele de acrílico, porque vale, porque tem os feticistas que nem eu.

Eu quero ter o negócio, eu quero ver o bagulho e você sempre tendo show para vender e comunicando com a plateia que foi ali te assistir, a chance daquela pessoa comprar o seu disco é muito maior, do que um disco solto na loja, ainda que tenha a pequena loja também. O modelo que a gente apresenta me deu 25 mil cópias ao longo de cinco anos e é um disco que hoje a gente não tem para vender, porque a MTV mudou de mãos e os produtos da MTV da gestão anterior estão sobre litígio, então a gente não pode lançar uma tiragem nova do “MTV Apresenta”, a não se que a gente tire o nome MTV.

Fernando

Quem tem é relíquia então.

João

Exatamente. Mas vai ter. A gente está pleiteando isso, a Sony que foi parceira na época é super entusiasta que a gente que a gente relançar, o fonograma é nosso, mas talvez até pela própria Sony, talvez se interessasse, mas a MTV entrou em um imbróglio jurídico desses. Foi uma realização, porque foi durante cinco anos e aí culminou com cinco anos do lançamento, a gente fez um show refazendo o show na íntegra, no mesmo espaço, na Fundação, com o DVD de ouro sendo entregue pelos dois diretores, o diretor musical e o diretor de imagem, o Bruno Maia e o Rodrigo Campello. Então, foi lindo para a gente, foi uma realização, para um artista independente vender 25 mil cópias. Eu nunca imaginei. Eu sou da geração que não está acostumada com isso.

Pergunta da plateia

Geralmente filho de músico, começa como solo e você começou como banda, de forma escondida, ninguém vai dizer que aquele ali é o filho do Lenine. Como é que é hoje você ter uma carreira solo e com a banda também, a Casuarina, como é que é esse negócio, alguém já chegou para você e falou que aquele é o filho do Lenine ou o pessoal já passa aquele é o cara do Casuarina que está lançando um disco novo. Alguém faz uma comparação? E o teu pai, ele dá muito pitaco?

Fernando

Essa pergunta é a que todo mundo queria fazer.

João

Não. Ele não dá nenhum pitaco. Veja bem. Até por eu ter renegado essa história de ser músico, papai nunca foi o exemplo a seguir para mim profissionalmente, pelo contrário, até a minha madrasta, mulher dele, com quem ele casou e é mãe do Bruno e do Bernardo, que é uma jornalista muito bem-sucedida e trabalha na Rede Globo há

muitos anos, foi gerente de produção na Globo, uma pessoa com um time de produção incrível e é formada em jornalismo pela PUC, tenha sido até mais norte profissional para mim, em um determinado momento eu achei que eu fosse fazer alguma coisa parecida com aquilo e meu pai não.

Eu nunca morei com ele, na real, meus pais se separaram eu tinha quatro meses de nascido e ele logo se casou de novo. Eu morava com a minha mãe. Tem uma carga genética na voz, naturalmente, seria mais cretino da minha parte refutar a influência que ele exerce sobre mim do que copiar ele deliberadamente. A única coisa que poderia ser mais cretina do que copiá-lo seria eu fingir que não sou filho do Lenine. Então não dá para eu fingir que eu não sou. Ele mesmo fala isso, que ele pode ser um pai ruim, mas ele é o único que eu tenho. Não tem outro para comparar. É isso. É uma carga genética na voz e em algumas músicas aparece mais e em outras menos.

Eu tive essa vantagem estratégica de aparecer em um primeiro momento como um dos vocalistas de uma banda de samba e eu até ouvi muito isso em um primeiro momento. Tipo:

- Que legal. Você escolher fazer uma coisa diferente do seu pai.

Como se isso tudo fosse planejado. Eu falar que vou fazer uma banda de samba que vai ser diferente do meu pai, eu vou cantar nessa banda de samba, eu vou entrar em um negócio e depois vou fazer um disco solo. Nada disso é planejado. Eu fiz uma banda de samba, sei lá, porque eu tinha uns amigos querendo fazer também naquele momento.

Na verdade, eu tinha oito anos quando eu vi meu pai defendendo o samba dele no Suvaco do Cristo. É um samba que ninguém conhece porque é um samba de bloco, não tem registro disso. Uns sambas do Suvaco do Cristo do final dos anos 1980 e começo dos anos de 1990, papai lançou uns cinco ou seis sambas e eu não tinha contato com o samba, mas via ele lá defendendo o samba.

Então se alguém me perguntar qual o primeiro sambista com o qual eu tive contato, eu vou dizer que foi o Lenine. Então, nem é tão absurdo assim e quando eu lancei o Placebo falando das inseguranças que a gente tem, essa foi uma insegurança que eu tive um pouco, porque em um ambiente mais “pop contemporâneo”, as semelhanças se evidenciam, porque eu cantando samba com sotaque de carioca, eu não tenho sotaque de pernambucano, meu sotaque é de carioca, então eu cantando samba com sotaque de carioca, se você sabe que essa voz vem geneticamente do mesmo lugar que aquela você pode até fazer uma associação, mas não é uma associação clara.

Quando eu cantei o Placebo, que tem músicas que se assemelham mais a história musical do meu pai, mais recente, a terceira música do disco é “Luna” que foi uma música que mais ou menos chegou mais perto de tocar em rádio é um pop contemporâneo, é uma balada pop. Então, parece, mas é uma música minha. Eu fiz a música, eu estou cantando, mas parece.

O meu pai para sorte nossa está aqui entre a gente, cantando, produzindo e vai lançar um disco agora que é totalmente diferente do anterior, porque ele é um artista inquieto e que tem, como o Marcelo falou, essa verve chocante. Mas por exemplo: ninguém se queixa do Diogo Nogueira ter trazido essa carga vocal do pai, alias todos amamos que ele tenha trazido essa carga vocal do pai, alias todos amamos que ele tenha essa carga vocal do pai é porque nos conecta de alguma forma com o pai dele,

talvez isso o incomode? Talvez o incomode, mas ele não tem como fugir disso, ao mesmo tempo tem vantagens e desvantagens disso.

O fato de eu ser filho do meu pai me dá acesso a muita gente. Desde muito novo eu tive acesso a muita gente que são ídolos e ao mesmo tempo me causa uns grilos do tamanho de um elefante, naturalmente que causa. Hoje, com o Casuarina vai fazer 14 anos de banda, eu posso te dizer sem medo de errar: eu sou mais um dos vocalistas do Casuarina, do que filho do Lenine. Quando eu viajo as pessoas me reconhecem mais nesse sentido e não vou negar que isso me dá um certo orgulhinho do que eu construí.

A primeira vez que a gente fez uma coisa aberta e completamente divulgada, foi na gravação do DVD de 10 anos da banda. Até então a gente participava aqui e ali, mas a gente evitava muito porque claro foi uma construção de personalidade para mim, para que eu hoje não ficasse grilado com isso, mas é difícil, é doído você ser filho, é um negócio que você tem que lidar com isso. O teu pai é referência, a tua mãe é referência em um negócio e as comparações são inevitáveis.

Fernando

Pegando carona pergunta. Você sempre coloca que o seu pai é a sua principal referência musical, então naturalmente ele foi uma grande influência no seu modo de compor. Procede?

João

Procede. Sem querer né. Porque ele nunca foi entusiasta, ele tentou que eu fizesse qualquer outra coisa que não música. Claro! Nunca teve uma ingerência agressiva “Não seja músico!”, não chegou nada parecido com isso, mas ele me desestimulava mesmo, declaradamente a não ser músico e nem precisava muito, pois eu acompanhei o calvário, a via crucis. Na real, se deflagravam-se outros caminhos mais potencialmente de sucesso do que a música, mas claro, eu frequento os shows dele desde muito novo. Ele é o primeiro artista que eu vi e que eu conheço de mais perto, então é uma influência.

O Placebo sem eu pensar nisso, nem o Marcelo e nenhum dos arranjadores, o Placebo não tem nenhum violão de nylon, porque toda a minha geração, o Tony Costa que tocou com a gente, o Tó Brandileone que está produzindo o meu disco novo lá em São Paulo, a minha geração toda e a geração a seguir também, de violonistas é absolutamente influenciada pelo violão do meu pai, claro, a não ser os violonistas de sete cordas do samba, mas o cara que toca violão em MPB é super influenciado pelo violão do meu pai. Ele criou uma escola, sem querer também.

Então, eu sem querer, no Placebo não tem nenhum violão de nylon. Tem dois violões de sete cordas, um é o Dandan que fez participação com o Casuarina em um frevo que eu fiz e o Rogério Caetano que acabando com o mundo e a gente teve que colar os caquinhos do mundo no final da apresentação dele, porque ele é um monstro daqueles que acaba com o mundo na música título “Placebo”, e tem o violão de aço, folk, em lona, mas violão de nylon, seis cordas, nem pensar, não teve.

Mas não foi uma coisa assim “Não quero o violão que pareça com o meu pai” foi uma coisa “eu quero uma guitarra que seja mais ou menos desse jeito, eu quero teclado daquele outro” e você vai fugindo de uma forma inconsciente e consciente e

meio intangível, mas mesmo assim as pessoas falam que está parecendo para caralho com o teu pai.

Fernando

O timbre, realmente, é muito parecido.

João

Eu sou tenor e ele é barítono. Começa por aí.

Pergunta da plateia

Eu queria saber uma coisa, bem mais pessoal, você estava falando da sua jornada de construção de identidade, sua identificação com de terminados gêneros musicais, eu estava vendo uma entrevista de um músico que eu gosto muito chamado Rodrigo Amarante e ele uma vez discursou sobre a jornada que foi quando o Los Hermanos acabou e ele ganhou um contrato para fazer um CD que seria chamado de Rodrigo Amarante, levaria então o nome dele como uma venda, como se ele se colocasse lá fora, não como parte de uma banda, como foi no seu caso com o Casuarina e as outras bandas que você já tocou.

Eu queria saber exatamente como foi o processo de composição do Placebo e enfim a própria ideia, como é que você lida com a ideia de que aquilo tudo que está lá não é tudo o que você é?

João

Uma excelente pergunta. Eu acho que o álbum pode ser uma convenção arbitrária, mas até hoje, as carreiras dos artistas são pautadas por álbuns, por recortes entre outros de canções ou temas instrumentais, que são um retrato de um determinado momento. Você elege um momento. Como o Placebo era o meu disco de estreia, ele está muito impregnado de vivência, mais do que inteligência, eu quero dizer com isso que ele é muito mais presencial do que intelectual é um disco que as músicas que estão ali, elas dizem muito mais respeito a mim do que ao que eu penso e talvez essa seja a grande linha mestra do trabalho. Agora dizem respeito a mim há três anos, que foi quando eu lancei o Placebo, eu hoje sou outro “mim” e eu acho que vai ser sempre isso

Eu estou começando a gravar um disco, por exemplo, que das músicas que eu sei que vão ter, tem uma música, hoje nos vamos tocar três músicas do disco novo, tem uma música com o Jorge Drexler “Não se engane”, a letra não é do Drexler e a música é minha embora seja em espanhol. A graça da letra é porque é em espanhol e eu não falo espanhol, mas eu fiz porque eu sou carudo.

A música é do Claudio Jorge, eu não sei descrever como é essa música, mas ela é mais acústica e não sei lá o que e tem uma música só minha que é uma espécie de salsa, que eu vou cantar em homenagem ao Rio. Uma homenagem um pouco enviesada, mas é uma homenagem ainda assim e no disco tem duas músicas em inglês, por exemplo, que eu compus, são músicas minhas. Nesse momento, eu estou me sentindo a vontade para compor em inglês é uma língua que me interessa, é uma língua que me faz ser um pouco mais sintético, quer dizer, ainda um pouco menos não sintético, acho que a Ana Arruda aprovaria e eu estou afim de fazer.

Eu posso daqui há três anos falar:

- Porra! Por que eu gravei essas músicas em inglês?

Ou eu posso daqui há três anos fazer um disco em inglês, vai ser um recorte desse momento, eu posso daqui há três anos estar morando em Nova Iorque, inclusive, a gente não sabe, as vezes eu penso oxalá, mas a verdade é que eu não tenho como, nunca vai ser uma representação total do que eu sou, não por eu ser extremamente complexo, mas por o disco ser estritamente limitado, ele é limitado a escolhas. Tem escolhas que são, você não sabe nem porque você escolheu. O caso do Placebo, por exemplo, que é a música título tem o Rogerinho Caetano acabando com o mundo como eu já disse, caquinhos do mundo no violão de sete cordas e o Serginho Krakowski com caquinhos de mundo no pandeiro e eu cantei e a gente meio que falou:

- Acho que é isso.

Em um momento a gente falou assim:

- Cara, está faltando alguma coisa.

Foi ao mesmo tempo, foi uma conexão de produtor e pedi para ouvir e pensar. Eu cheguei no dia seguinte e falei para o Plínio que iria chamar o Alexandre Caldi para fazer um quarteto de sax. Ele falou assim:

- Porra João, um quarteto de sax é a coisa mais distante que eu poderia imaginar para essa faixa. Se você me listar 216 coisas realmente o quarteto de sax seria o último da lista.

Ele falou que confiava no que eu estava percebendo e o Alexandre Caldi acabou com o mundo e fez o quarteto de sax. Ele poderia ter dito não e falado para fazer uma outra coisa e aquilo não seria um pedaço meu. Para começar era uma obra coletiva, tem a interferência dele, tem a interferência do Marcelo, tem a interferência de todo mundo que participou ativamente do disco. Então, é uma interseção de verdades, já não é uma verdade integral minha. O Prince quando grava os discos dele, que ele toca bateria, toca baixo, toca guitarra, toca teclado, canta, produz e mixa, ai tudo bem. Ele poder falar que o disco é dele.

Então, é um disco meu que não é meu. É meu, do Marcelo, do Plínio e de todo mundo que participou e contribuiu. É um disco com muitos músicos, músicos que eu admiro loucamente, músicos artistas, que estão no disco. Então, certamente se eu chamo esses caras, eu não quero burocracias, eu quero contribuições, quero vontade, quero tesão e isso tudo está impregnado no disco.

Tomara que no próximo disco que eu estou fazendo, eu consiga arregimentar uma galera também com tesão, com vontade, que ouve e que goste e queira contribuir. Ele vai ser um retrato de uma interseção de um determinado momento que pode virar mentira daqui há três anos, pode virar verdade, pode ser verdade completa para sempre, pode ser cristalizado como a minha representação para o resto da vida, a gente não sabe muito isso. Se eu pensar nisso eu não faço, se você pensar nisso você não faz, você desiste de fazer, é um pouco angustiante mesmo. Por isso a tua pergunta é tão boa, é tão rica.

Fernando

Eu queria fazer uma última pergunta para o João e para o Marcelo também. Eu acredito que aqui tem muitas pessoas que estão iniciando no universo da composição e queria saber qual é o recado, qual a dica, qual o conselho que você dá para quem quer investir nisso, quem busca esse caminho de compositor.

João

Eu acho que tem um grande mérito que é você ter bons parceiros, uma segunda leitura do que você faz te deixa mais confiante e deixa o que você faz um pouco mais confiável. Então, eu sou cercado de excelentes parceiros, me orgulho muito dos parceiros que eu tenho e eu tenho muitos parceiros, não rolou ainda overbooking para o João Bosco, o Wilso Moreira, aquele parceiro que eu diria que quero fazer um milhão de músicas daquela pessoa, porque cada parceiro me traz coisas incríveis, eu quero tê-las todas meio assim obsessivamente.

Então o Marcelo, o Edu Kriegger é meu parceiro, a Joyce é minha parceira é um dos maiores ídolos que eu tenho, primeiro ídolo que eu tenho que é meu. Porque a minha mãe e meu pai nenhum dos dois gostavam muito, mas eu ouvi e falei: eu gosto!

Eu acho que a Joyce foi minha primeira e hoje em dia é minha parceira. O Zé Renato é meu parceiro, o Claudio Jorge é meu parceiro, o Jorge Guedes é meu parceiro. São todos ídolos, Marcelinho, pessoas que eu amo, que eu admiro e que eu quero ter por perto. Eu acho que para mim esse é o grande lance. Você ter bons parceiros que te deem ferramentas, subsídios para você continuar criando.

O Claudio Jorge mandou uma música e é um nome. Isso é sensacional. Você não parte do papel em branco, você tem o nome da música, você tem o assunto para falar. Então você começa a pirar em cima. Essa é a primeira coisa.

A segunda coisa é leia, releia, reescreva. Eu sou absolutamente obcecado pela forma, mas isso é uma coisa minha, o Amarante, por exemplo, é um cara menos obcecado pela forma e compõe igualmente como outros que são formalistas e ele não e são excelentes todos. Isso não é uma regra. Mas eu sou obcecado pela forma, tanto que eu leio e releio, procuro sinônimos, se quiser eu vou ao dicionário, não tem que ter vergonha de matutar é preguiça as vezes nem vergonha, mas matutar, buscar fontes, buscar os corpos de interesse dentro de qualquer ferramenta que seja é importante. Eu acho que é basicamente isso e na verdade ninguém, tirando o Edu que já foi gravado não sei quantas vezes, é difícil um você "sou compositor". Demora um tempo. É uma formação, quando os outros começam a gravar você fala:

- Caraca, estão gostando do que eu estou fazendo.

E eu não toco. Então, eu chego no sarau com aquela cara de "siquerencia" e falo assim:

- Olha a música nova que eu fiz.

Faz toda a diferença. A interprete vem e fala assim:

- Ah é uma coisa meia de sedução, de jogo de cena.

Eu não tenho isso. Para mim é isso, eu consigo hoje enxergar e acho que essa é a grande construção que eu estou fazendo e ter uma carreira de compositor que não se restrinja ao que eu gravo ou ao que o Casuarina grave. Esse ano, por exemplo, a Monique Kessous tem uma música nossa no disco dela, que dá nome ao disco e é uma cantora de uma praia. A Fabiana Cozza gravou uma música minha e que é uma das maiores cantoras do Brasil de outra praia, tem uma parceria minha com o meu pai, pela primeira vez, no disco novo dele.

Eu tento fazer isso: jogo os anzóis todos e vai pegando os peixes. É um pouco isso, com a verdade, sendo a sua representação, um pouco sem pudores dos veículos.

Marcelo

Eu acho que a chave para o compositor, além dessas coisas todas que o João falou, é essa chave do conhecimento: ler, estudar, viver, viajar, morar em outra cidade, morar em outro país, aprender outra língua. São todas coisas que te enriquecem, te abrem a mente, fazem você sair de si e entender melhor o universo ao seu redor que é muito amplo.

Pelo menos assim em música, eu toco dois instrumentos, componho tanto na sanfona, componho no piano, componho música instrumental, componho canção, faço letra também. O João faz letras para coisas minhas, as vezes eu faço para ele também, eu dou palpites. Eu acho que é conhecimento, é a chave do nosso novo século para a gente parar de falar bobagem toda hora no Facebook e a gente se informar de verdade, não só com as coisas que nos são oferecida, que muitas vezes são bem fracas, mas a saber encontrar as coisas certas nas fontes certas é fundamental.

João

Só comentar. Vocês estão vendo como o Marcelo é mais sintético do que eu, mas objetivo e mais interessante.